

Oficinas de educomunicação em colégios ocupados: a comunicação como ferramenta para o protagonismo do jovem¹

Paulo Otávio Siqueira²

Universidade Federal do Paraná

Gustavo Schmid Queiroz³

Universidade Federal do Paraná

Resumo

A Medida Provisória 746 e a Proposta de Emenda Constitucional 241 de 2016 geraram revolta em alunos de colégios estaduais do Brasil. Em forma de protesto, 850 escolas no Paraná foram ocupadas por alunos. Durante as ocupações, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular da Universidade Federal do Paraná (NCEP UFPR), programa de extensão que desenvolve atividades de educomunicação, foi convidado para promover oficinas aos estudantes ocupantes. O presente trabalho é um relato de experiência das atividades de educomunicação praticadas nestes espaços. O objetivo é criar marcos iniciais de análise da prática educacional inserida em manifestações sociais e estudantis. As primeiras observações indicaram que as ações de educação para a comunicação promoveram: a reflexão sobre o próprio movimento, a apropriação das tecnologias, a divulgação de uma nova linguagem e um novo ponto de vista narrativo, e o uso da comunicação como ferramenta potencializadora do protagonismo juvenil.

Palavras chave: educomunicação; manifestação social; ocupação; escola; juventude.

Introdução

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) é um programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), voltado para atividades de educomunicação e comunicação popular. Frente ao contexto político do Brasil no ano de 2016, o NCEP esteve presente nos movimentos de ocupação dos colégios públicos de cidades da região metropolitana de Curitiba, ministrando oficinas aos ocupantes. Esses jovens, unidos dentro do espaço da escola, decidiram pela resistência frente à Medida Provisória 746 e à Proposta de Emenda Constitucional 241, propostas pelo governo Temer, referentes ao investimento e sistema educacional para o ensino médio. Como forma de protesto, alunos ocuparam 850 escolas, de acordo com o Movimento Ocupa Paraná⁴, interrompendo as atividades e provocando ampla reação popular.

Neste contexto, as ações de educomunicação objetivaram a emancipação do jovem por meio da produção e divulgação de materiais comunicativos próprios, capazes de fazer frente à imagem, por vezes deturpada, pela qual o movimento era exposto nos grandes veículos de mídia. Para esse exercício

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã - O direito à comunicação na luta por uma cidadania ativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais, de 25 a 27 de outubro de 2017. Este trabalho é relato de experiência de atividades de extensão com foco em educomunicação desenvolvidas em colégios ocupados de Fazenda Rio Grande e Pinhais (PR).

² Aluno de graduação do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, e-mail: paulosiqueira@ufpr.br.

³ Aluno de graduação do curso Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Paraná. Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba. Curitiba-PR, e-mail: gschqueiroz@gmail.com.

⁴ Fonte: <http://ocupaparana.org>.

educomunicativo, os membros do NCEP se utilizaram de seus conhecimentos técnicos e teóricos adquiridos em aula, como a operação de materiais técnicos, o domínio dos instrumentos de comunicação e o exercício do olhar.

A comunicação como ferramenta privilegiada para a educação

Ismar Soares (2011), pioneiro nos estudos sobre educomunicação, entende que comunicação e educação estão interligadas, de modo que a educação só existe enquanto ação comunicativa; e que todo tipo de comunicação é uma ação educativa. O campo da relação educação-comunicação se constitui, segundo Soares (2000), do uso dos meios como tecnologia e ferramenta no processo de educação, inseridos em um contexto de emergência cultural dessa intersecção. A educomunicação é, portanto, um diálogo em construção sobre o papel comunicativo da educação e o caráter educativo já presente na comunicação.

De acordo com Soares (2002), a educomunicação se constrói a partir da educação para a comunicação, da mediação tecnológica, da gestão comunicativa e da reflexão epistemológica. Esta relação se produz em um contínuo estudo de produtor e receptor da mensagem, de apropriação das ferramentas de mídia, de planejamento e execução de ações e da reflexão acadêmica do próprio conceito.

O jovem-político no Brasil

Em outubro de 2016, o Brasil vivia o contexto do pós-impeachment de Dilma Rousseff. A posse de Michel Temer trouxe ao debate público a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 – que visava estabelecer um teto de gastos públicos num período determinado para recuperação do país. Em paralelo, a chamada “Reforma do Ensino Médio” entrou em tramitação no legislativo – inserida por meio do recurso da Medida Provisória (MP) 746. As reações populares dentro da área da educação foram imediatas e se iniciou um processo de ocupação em diversos colégios públicos no Brasil – com início e maior volume no estado do Paraná.

Comum a todas as ocupações foi o perfil dos manifestantes: jovens e adolescentes em idade escolar, indispostos com as novas medidas do governo. Segundo Alex Piero (2012), não existe um padrão de juventude, mas uma vivência da condição juvenil. Esta vivência se traduz em uma constante busca por autonomia, visibilidade e empoderamento: a busca por um “poder fazer”. Uma vez dentro da escola ocupada, o jovem “pode fazer e fazer do seu jeito”.

Neste cenário, o movimento buscou grupos que pudessem oferecer oficinas não tradicionais, a fim de manter os alunos engajados e estudando, mesmo em meio à situação de ocupação. O NCEP foi chamado por algumas escolas e acabou realizando oficinas de educomunicação em três delas. A proposta do núcleo foi promover, por meio dos veículos de comunicação, a visibilidade e autonomia do jovem ocupante, já indisposto com as reportagens divulgadas na mídia tradicional. Castells (2012, p.172)

entende autonomia como a “[...] capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses”. A oficina provida pelo NCEP, em essência, apresentou aos jovens o uso das ferramentas de comunicação e permitiu que eles “falassem aquilo que gostariam de falar” e “mostrassem aquilo que gostariam de mostrar”, como que o movimento “não era uma baderna” e que “eles sabiam o que era a MP”.

As experiências do NCEP durante a ocupação

O NCEP foi chamado para ações em duas escolas de ensino fundamental e médio em Fazenda Rio Grande, Região Metropolitana de Curitiba (RMC) – Colégio Estadual Líria Nicheleto e Colégio Estadual Anita Canet –, e uma em Pinhais, também na RMC: Colégio Estadual Humberto de Alencar Castelo Branco. Em um primeiro momento, os membros do núcleo foram até as ocupações para discussão e apresentação da proposta. Os estudantes aceitaram a proposta da oficina nos dois colégios, adiantando que o principal ponto em comum era o anseio por uma melhor forma de contar a história do que se passava naquele momento; explicar de fato o “porquê” e o “como” das ocupações.

No Colégio Estadual Líria Nicheleto havia lideranças claras e as idades do público-alvo da oficina eram variadas, ainda que a maioria estivesse no ensino médio. Na primeira parte, foi organizada uma roda de conversa sobre a PEC 241, a MP 746 e questões gerais da educação no Brasil. O segundo momento foi o de apresentar a proposta do NCEP. Questionou-se a representação do movimento, dos estudantes, do bairro e do colégio na mídia tradicional. Os alunos demonstraram insatisfação com a visão unilateral da mídia (que guiava o pensamento dos pais e vizinhos) sobre a ocupação e a luta em defesa da educação.

Por fim, a parte prática se deu numa divisão de dois grupos para a produção de vídeos, que tivessem a linguagem dos jovens sobre o movimento que era deles.

Um dos grupos fez um vídeo de tom mais artístico, inserindo uma trilha de fundo enquanto a imagem mostrava os alunos se levantando de seus lugares na sala de aula e escrevendo no quadro informações sobre a PEC e a reforma do ensino médio, culminando numa frase de efeito sobre a ocupação⁵. O outro grupo fez um vídeo mais direto e explicativo, no qual alguns estudantes falaram de fato qual era o conteúdo das propostas contra as quais estavam lutando. Também foram feitas, para complementar o material, imagens sobre o dia a dia e o funcionamento da ocupação – como a organização da cozinha, da segurança e as salas que serviam de dormitório e separavam os meninos das meninas⁶.

Os alunos alegaram constante sentimento de medo e ameaça, em função daqueles que não entendiam a mobilização. Eles pretendiam passar uma imagem de luta e suas visões manifestavam

⁵ O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/GDLBV12dvaE>.

⁶ O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/Y2qfHoIdvZs>.

convicção dos atos – nunca dando indícios de utilizar da violência ou ignorância para conseguir o que queriam.

A experiência no Colégio Estadual Humberto Alencar Castelo Branco foi parecida com a do Lória. Iniciou-se com rodas de conversa sobre a MP e a PEC. Os alunos apresentaram o espaço e a organização. Em especial, chamou a atenção uma lista de regras que havia em cada uma das salas (para o dormitório, por exemplo, incluíam “escovar os dentes” e “tomar banho antes de dormir”). A segurança era feita pelos alunos maiores de 18 anos, que se revezavam em turnos. Poucos tinham autorização para entrar na cozinha e as refeições eram servidas em horários regulares. Em um momento do dia, houve uma breve assembleia interna para discutir a continuidade ou não da ocupação.

Após a conversa inicial, grupos se dividiram para a produção dos vídeos. De maneira criativa, um dos grupos criou uma resposta a um artigo que havia sido lançado na mídia, intitulado “6 coisas que os alunos da ocupação não sabem”, produzindo um vídeo com “6 coisas que os alunos da ocupação sabem”. Este vídeo teve uma expressão maior nas redes sociais e foi divulgado internamente na rede de contatos entre os alunos. É importante ressaltar que, a partir da formação para uso do material, toda a produção foi pensada e feita pelos estudantes. No caso do “Castelo Branco”, um dos alunos caminhava com uma câmera que lhe filmava o tempo todo, enquanto passava de espaço em espaço mostrando as regras e conversando com as pessoas sobre o movimento⁷. No Colégio Estadual Anita Canet, os membros do NCEP observaram uma diferença significativa: apesar de um maior número de alunos dentro da ocupação, o índice de engajamento era menor. Observou-se que alguns estudantes estavam realmente mobilizados, esforçando-se para que os colegas – que estavam ali no horário de aula - se interessassem pela luta que estavam propondo.

A oficina em si se deu numa sala, o que inicialmente fez com que os alunos reagissem como a uma aula convencional. A solução foi sentar todos em roda, intercalando-se aos alunos, para promover um debate mais democrático. Frente às perguntas de “Como está o movimento?” ou “Por que ocuparam?”, as respostas vieram de um grupo mais restrito, de três ou quatro estudantes. Os outros pareciam não entender, ainda, o motivo daquilo tudo.

Na parte prática da oficina, foram divididos também dois grupos. Os alunos mais engajados se reuniram – o que fez o outro grupo ficar mais perdido. O grupo das lideranças filmou algumas salas e explicou a ocupação e seus motivos. O outro grupo filmou internamente algumas salas, utilizadas como quartos ou ambientes de reunião.

Desde o início da oficina, os alunos manifestavam o cansaço sobre a imagem externa das ocupações, uma vez que os próprios pais, outros adultos e a mídia em geral, na opinião deles, tratavam o

⁷ O vídeo está disponível na página do Facebook da ocupação do Castelo Branco e atingiu até o fechamento deste trabalho, 7,5 mil visualizações e 156 compartilhamentos – número expressivo para a capacidade de orgânica de divulgação do movimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupacastelo/videos/342484319432022/>.

movimento com desdém. Como sustenta a educomunicação, os adolescentes buscaram por meio da produção de vídeos uma forma de contar sua história – e a do seu movimento.

Considerações finais

As oficinas promovidas pelo NCEP foram pontuais, pois a dinâmica do movimento não permitia uma construção contínua de oficinas. Ao fim das atividades, os vídeos foram editados de acordo com o pedido dos jovens. O material foi entregue às lideranças do movimento, que compartilhou em suas redes sociais. Aos poucos, percebeu-se que as oficinas tinham uma função-última que não somente a divulgação de um novo olhar sobre o movimento.

Na experiência, identificou-se que, para os participantes, a prática é tão importante quanto o produto. Para se produzir os vídeos, os alunos discutiram a MP e a PEC, e o próprio sistema de organização, reorganizaram pautas, discutiram a melhor maneira (e mais criativa) de contar aquela história e ainda tiveram a oportunidade de utilizar câmeras, gravadores e outros materiais. Aqui, pratica-se a educomunicação: utilizar da comunicação, neste caso a produção multimídia, para pensar a própria realidade. Um dos jovens que no começo não estava envolvido com a atividade no Colégio Castelo Branco mudou completamente ao manusear a câmera. No final da oficina, foi até um dos facilitadores e falou: “Acho que agora quero entrar na faculdade”.

Castells (2012, p.147) afirma que em manifestações e movimentos sociais que geram ocupação e formação de redes, “o processo é a mensagem”. Esta foi uma característica marcante na comunidade jovem excluída dos processos decisórios e indignada por não ter sua voz escutada. A educomunicação vai além da produção técnica, uma vez que se propõe a criar agentes transformadores. No contexto juvenil, a comunicação usada como ferramenta de emancipação facilita o protagonismo.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PIERO, Alex. **Juventude e sociedade**. Entrevista concedida a Gustavo Schmid Queiroz. Curitiba, 05 de maio de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=msxN6IfcLIs>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação & Educação. São Paulo. n. 19. p. 12 a 25. set/dez 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 06 de outubro de 2017.

_____. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo. n 23. p. 16 a 25. jan/abr 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 09 de outubro de 2017.

_____. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. Paulinas: São Paulo, 2011.